

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE C. G. JUNG EM “MEMÓRIAS, SONHOS, REFLEXÕES” (1957)

Fernanda Dayara Salamon¹ 

Alfredo dos Santos Oliva² 

Resumo: “Memórias, Sonhos Reflexões” é a autobiografia do médico suíço C. G. Jung (1875-1961), neste escrito discorreu sobre sua vida, obra, sentimentos e experiências. O objetivo deste artigo é estudar a subjetividade historicamente construída de Jung narrada por ele mesmo, observando a autobiografia que aponta para um fim acertado, de que as experiências vividas aconteceram como deveriam ter acontecido. Para realizar o estudo, nos serviremos do conceito de “Escrita de Si” de M. Foucault, alegando que a prática da escrita sobre si mesmo - como um exercício subjetivo de organização afetiva -, trouxe benefícios e ressignificações para o médico. As ressignificações feitas por Jung foram produto do que a “Escrita de Si” proporcionou e podem ser visualizadas a partir de uma confluência de temporalidades, nos diferentes interesses, pensamentos ou vocabulários utilizados ora pelo Jung velho, ora pelo Jung novo.

Palavras-chave: “Memórias, Sonhos, Reflexões”. Autobiografia. “Escrita de Si”. C. G. Jung, História da Psicologia.

THE CONSTRUCTION OF SUBJECTIVITY OF C. G. JUNG IN “MEMORIES, DREAMS, REFLECTIONS” (1957)

Abstract: “Memories, Dreams, Reflections” is an autobiography of the Swiss doctor C. G. Jung (1875-1961), in this writing he talked about his life, work, feelings, and experiences. This article aims to study the subjectivity historically constructed from Jung narrated by himself, observing the autobiography that points to a right end, that the lived experiences happened as they should have happened. To carry out the study, we will use the concept of “Self-Writing” of M. Foucault, claiming that the practice of writing about oneself - as a subjective exercise of the affective organization - brought benefits and resignifications to the doctor. The reframings made by Jung were the product of what “Self-Writing” provided and can be seen from a confluence of temporalities, in the different interests, thoughts, or vocabularies used by the old Jung, now by the new Jung.

Keywords: “Memories, Dreams, Reflections”. Autobiography. “Self-Writing”. C. G. Jung. History of Psychology.

LA CONSTRUCTION DE LA SUBJECTIVITÉ PAR C. G. JUNG DANS « MA VIE: SOUVENIRS, RÊVES ET PENSÉES » (1957)

Résumé: « Ma vie : souvenirs, rêves et pensées » est l'autobiographie du médecin suisse C. G. Jung (1875-1961), dans cette écriture il a parlé de sa vie, de son travail, de ses sentiments et de

¹ Mestranda em História Social na Universidade Estadual de Londrina e bolsista CAPES/PPGHS-UEL. Graduada em História pela Universidade Estadual de Londrina. Foi bolsista PROIC/UDEL de 2015 a 2016 e PIBID/CAPES de 2016 a 2018. Tem experiência nos seguintes temas: História do século XX, História da Psicologia com ênfase em Freud e Jung e História das Emoções.

² Possui doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005) e pós-doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2017). É professor adjunto da Universidade Estadual de Londrina desde 2007. Tem experiência de ensino na área de História, com ênfase em Teoria da história e História das religiões, atuando principalmente nos seguintes temas: Teoria da história em diálogo com M. Foucault, J. Butler, M. Bakhtin ou C. G. Jung, Historiografia da cultura do cristianismo primitivo, Sexualidades e relações gênero no cristianismo primitivo, Escrita de si, Cuidado de si e Prática da parrhesia .

ses expériences. Le but de cet article est d'étudier la subjectivité historiquement construite de Jung narrée par lui-même, en observant l'autobiographie qui montre vers la bonne fin, que les expériences vécues se sont produites comme elles auraient dû se produire. Pour bien mener l'étude, nous utiliserons le concept « L'écriture de soi » de M. Foucault, affirmant que la pratique de l'écriture sur soi-même - comme exercice subjectif d'organisation affective - a apporté des avantages et des significations au médecin. Les significations faites par Jung étaient le produit de ce que « L'écriture de soi » fournissait et peuvent être vus à partir d'une confluence de temporalités, dans les différents intérêts, pensées ou vocabulaires utilisés parfois par l'ancien Jung, parfois par le nouveau Jung.

Mots-clés: « Souvenirs, rêves et pensées », autobiographie, « L'écriture de soi », C. G. Jung, Histoire de la psychologie.

LA CONSTRUCCIÓN DE LA SUBJETIVIDAD DE C. G. JUNG EN “RECUERDOS, SUEÑOS, PENSAMIENTOS” (1957)

Resumen: “Recuerdos, Sueños, Pensamientos” es la autobiografía del médico suizo C. G. Jung (1875-1961), en la que escribió sobre su vida, obra, sentimientos y experiencias. El objetivo de este artículo es estudiar la subjetividad históricamente construida por Jung y narrada por él mismo, observando la autobiografía que apunta para un fin preciso, en que las experiencias vividas sucedieron como deberían haber ocurrido. Para realizar el estudio, utilizaremos el concepto de “La Escritura de Sí”, de M. Foucault, declarando que la práctica de la escrita sobre uno mismo - como un ejercicio subjetivo de organización afectiva -, trajo beneficios y resignificaciones al médico. Las resignificaciones hechas por Jung fueron un producto que “La Escritura de Sí” proporcionó y pueden ser visualizadas a partir de una confluencia de temporalidades, en los diferentes intereses, pensamientos o vocabularios utilizados a veces por Jung con edad avanzada, y otras veces por Jung más joven.

Palabras-clave: “Recuerdo, Sueños, Pensamientos”, autobiografía, “La Escritura de Sí”, C. G. Jung, Historia de la Psicología.

Introdução

“[...] O que sou e o que escrevo são uma só coisa. Todas as minhas ideias e todos os meus esforços, eis o que sou. Assim, a ‘autobiografia’ representa apenas o ponto em que se põe sobre o i.” (JUNG *apud* JAFFÉ, 2016, p. 23).

Deste modo, C. G. Jung (1875-1961), aos 82 anos, caracterizava o significado da autobiografia em relação à sua obra. Referindo-se ao texto autobiográfico, igualou-o ao termo “vida”, com o argumento que a obra e a vida são idênticas e que a leitura de “Memórias, Sonhos, Reflexões” (2016) tratam do testemunho de sua vida elaborada segundo seus conhecimentos científicos. (JUNG *apud* JAFFÉ, 2016, p. 23). Pensamos que a autobiografia vai além de um narrar de trajetória, ela reverbera uma subjetividade historicamente construída de um homem que viveu no vigésimo século.

Partindo das reflexões foucaultianas da “Escrita de Si” (2004), pretendemos observar a subjetividade do psiquiatra C. G. Jung em sua autobiografia, a fim de apresentar aspectos biográficos de Jung e a partir de sua própria narrativa – com

colaboração e organização de Aniela Jaffé (1903-1991)³ – analisar a construção de “Memórias, Sonhos, Reflexões” em suas escolhas, apontando para uma ideia de fim, de um sentido, onde todas as ocorrências foram pertinentes para moldar essa personalidade da Psicologia Contemporânea. É possível, através do escrito autobiográfico, percorrer a vida de C. G. Jung; peregrinar como em um longo caminho, por suas diversas sensibilidades diante da vida, do trabalho, dos estudos, da família, dos sonhos e das vivências pessoais.

O artigo se trata de uma análise de documento – ou análise historiográfica – sob o olhar foucaultiano da subjetividade de C. G. Jung. Compreendemos que o conceito de “escrita de si” é um fundamento teórico metodológico pertinente na discussão sobre subjetividade que atravessa o texto autobiográfico. Emergido da própria fonte de análise, os conceitos⁴ que compõem a Psicologia Analítica⁵ servem para ambientar o leitor, considerando a inviabilidade de analisar sem remeter à obra do autor, visto o entrelaçamento desta última com a vida pessoal circunscrita em “Memórias, Sonhos, Reflexões”. A hipótese que perseguimos neste artigo e comprovamos com a análise documental é que a autobiografia do suíço aponta para um fim acertado, de modo que todas as coisas tivessem sido proporcionadas pelo destino (JUNG, 2016, p. 65) para que o médico pudesse chegar exatamente às conclusões em que chegou.

Para realização de nosso objetivo, analisaremos a construção autobiográfica, destacando aspectos ausentes e outros explorados com intensidade. A autobiografia – antes impensável de ser escrita por Jung (ele ofereceu resistência à proposta feita por Jaffé) foi vista como positiva para ele, após perceber sua funcionalidade de “colocar o ponto sobre o i”. Sustentaremos que ela foi percebida como uma última correção, tendo oportunidade de passar a limpo aspectos saudosos de sua trajetória e refazer partes que poderiam ter ficado pouco entendidas e o fez em um exercício de subjetividade, em uma “Escrita de Si”. O modo como escreveu seu texto autobiográfico buscou reforçar posturas construídas durante sua trajetória, invocando a afirmativa que aconteceu

³ Analista e colaboradora de C. G. Jung

⁴ O artigo é uma análise historiográfica sobre o personagem em questão, entretanto, considerando a necessidade de elucidar conceitos técnicos da Psicologia Analítica para melhor compreensão dos assuntos tratados, remetemo-nos aos termos em nota de rodapé e as informações coletadas dos textos de Jung são compreendidas como fontes.

⁵ É um ramo de conhecimento e prática da Psicologia, iniciado por Carl Gustav Jung, que se diferencia da Psicanálise de Sigmund Freud. Suas principais características são a psique individual e a totalidade. Esta última alcançada por meio do conceito central da Psicologia Analítica, a individuação, jornada pessoal em busca da função transcendente; a última, por sua vez, é um processo psicológico de integração entre consciente e inconsciente.

conforme o destino: “[...] Muitas coisas, muitas circunstâncias foram provocadas intencionalmente, mas nem sempre representaram uma vantagem para mim. Em sua maioria dependeram do destino.” (JUNG, 2016, p. 351).

Em um universo povoado de sonhos, de aspirações, de amadurecimento, Jung velho – com 82 anos - nos apresentou seu universo em um início cronológico. Ao final, as reflexões versaram sobre a obra, viagens, visões e reflexões sobre o fim da vida, que não seguiam uma cronologia, mas retomavam experiências ocorridas ao longo da vida. O importante é ter em mente que, por mais que se trate de um relato autobiográfico – com as incursões afetivas que se espera –, elas foram selecionadas, construídas. E selecionadas de uma forma que se entrelaçam com o que ele produziu em sua obra científica, uma narrativa harmoniosa.

O gênero biográfico obteve sucesso no meio editorial como “um setor privilegiado de experiências de escrita que suscitam a paixão de tantos escritores como de historiadores e pesquisadores em ciências humanas” (DOSSE, 2015, p. 5). Esse gênero é um laboratório experimental para abordagens diversas, como para romancistas, sociólogos, etnólogos e, porque não, para historiadores, conforme observamos:

[...] a aventura apaixonante que é a biografia conheceu um demorado eclipse com respeito àquilo que era tido como um saber erudito ao longo do século XIX e a maior parte do XX. Um desprezo obstinado condenou o gênero, sem dúvida muito dependente das concessões à emotividade e ao fomento da implicação subjetiva. Um muro tem separado o biográfico do histórico, tachando-o de elemento parasita capaz de perturbar os objetivos científicos. O gênero foi confiado, ou antes, abandonado aos “mercenários” da biografia, cujo êxito junto ao público só se podia comparar ao desdém de que eram alvo por parte da comunidade intelectual. (DOSSE, 2015, p. 16).

O cenário refere-se ao momento em que os estudiosos das Ciências Humanas redescobriram o gênero biográfico, autobiográfico e memorialístico. Tal receptividade foi pertinente para ampliar as possibilidades de compreensão de séculos passados, com os sujeitos narrando suas próprias experiências – no caso da autobiografia – ou ainda, sujeitos carregados de seu próprio tempo, narrando outros personagens, realizando também um exercício subjetivo ao evidenciar aspectos de seu biografado.

Como pôde a modernidade desse século comportar, ao mesmo tempo, as piores guerras da humanidade e o maior avanço em tecnologia e medicina? A gênese de uma nova compreensão sobre a psique humana – em Sigmund Freud (1856-1939) e seus seguidores –, faz parte de um movimento do começo do século XX, paralelo ao rompimento do clássico nas artes plásticas, do avanço da produção audiovisual, das

revoluções e organização das esquerdas, bem como tantos outros eventos de caráter político-cultural.

A autobiografia de Jung, organizada por sua colaboradora, Aniela Jaffé, é considerada sua grande obra, uma espécie de revisão e testamento de sua vida. Alicerçada na força simbólica da velhice e apresentando-se como um produto do arquétipo de “Velho Sábio”⁶ – conceito que Jung mesmo criou –, “Memórias, Sonhos, Reflexões” tornou-se um fenômeno de vendas e traduções. Publicada pela primeira vez em 1962, ano seguinte ao seu falecimento, essa obra carrega a intensidade das vivências características de sua personalidade e da admiração de seus seguidores em vida.

A tríade “Memórias, Sonhos, Reflexões” oscila entre o inconsciente e a racionalidade, entre a memória (re)criada e a atividade científica. Buscamos compreender sua auto história, observando sua atuação na modernidade do século XX, percebendo sua contribuição na cultura e liberdade do inconsciente. Adentremos, portanto, ao seu mundo subjetivo e escutemos suas confissões à Jaffé e aos seus milhares de discípulos.

Subjetividade é o espaço íntimo do indivíduo, a relação entre o conjunto de olhares e crenças pessoais e o mundo externo, a apropriação e ressignificação que molda uma percepção singular, a qual pode ou não ser compartilhada em uma dimensão cultural, mas que, de qualquer forma, constitui o global do cosmo. Freud e Jung trouxeram de volta o elemento sensível, emocional, que teve sua última atuação no romantismo do fim do século XVIII e pela maior parte do XIX, com inspirações nacionalistas, mas provenientes de momentos subjetivos, por meio da fé, do sonho, da saudade, das lendas, entre outros. Apesar de os dois médicos terem contribuído com o “mergulho no inconsciente”, em meio aos aspectos sensíveis, Jung destacou a religião e sua atuação na psique humana, convocando-a como um elemento participativo na composição da Psicologia Analítica.

⁶ Nota ao leitor: no uso dos conceitos da Psicologia Junguiana buscamos elucidá-los a partir da própria obra de Jung. A figura arquetípica do “Velho Sábio” é formada por algumas qualidades selecionadas por Jung: “A figura do Velho Sábio pode evidenciar-se tanto em sonhos como também através das visões da meditação (ou da “imaginação ativa”) tão plasticamente a ponto de assumir o papel de um guru, como acontece na Índia. O Velho Sábio aparece nos sonhos como mago, médico, sacerdote, professor, catedrático, avô ou como qualquer pessoa que possuía autoridade. O arquétipo do espírito sob a forma de pessoa humana, gnomo ou animal manifesta-se sempre em situações nas quais seriam necessárias intuição, compreensão, bom conselho, tomada de decisão, plano, etc, que no entanto não podem ser produzidos pela própria pessoa [...]” (JUNG, 2000, p. 213).

Carl Gustav Jung aspirava por compreender e viver todo o potencial humano e, apesar de seu interesse estar voltado às questões “interiores”, considerava-se um cientista racional não compreendido. O médico realizou uma série de autoexperimentações para refletir e se aprofundar nas teorias psicológicas elaboradas por ele mesmo. Um dos testes que realizou consigo mesmo foi a construção do “Livro Vermelho” ou “*Liber Novus*” (2015), relevante no que se refere à narrativa de si, pois nele está expresso o ápice de sua subjetividade, com traços marcadamente cristãos. O livro é um manuscrito com caligrafia que imita o gótico medieval e a construção de um texto como esse no início do século XX demonstrou o interesse por uma prática cristã diferente, de modo a representar como os homens e mulheres medievais sentiam suas experiências. Um outro exemplo de autoexperimentação foi a construção da Torre de Bollingen, edifício que construiu por vários anos, em que cada cômodo correspondia a uma parte de sua estrutura psíquica, além de ser um lugar para refletir sobre seus antepassados e pensar na importância deles para a organização psíquica.

Jung nasceu em 26 de julho de 1875 na aldeia de Kesswil, na margem suíça do Lago de Constança. O filho de Paul Achilles Jung (1842-1896) e Emilie Preiswerk Jung (1848-1923) formou-se em medicina pela Universidade da Basileia, iniciando sua vida profissional em Zurique, na Clínica Psiquiátrica Burghölzli; reconhecido e influenciado pelo seio psicanalítico a partir de 1906, foi importante discípulo de Freud até 1913, contribuindo singularmente na Psicologia, Psiquiatria, Teologia, entre outras áreas especializadas, em especial, porque chamou atenção para a importância da religião na estrutura psíquica dos indivíduos, valorizando os mitos, o transcendente e ampliando o conceito de “libido”⁷. Viveu até o ano de 1961 e a causa de sua morte foi uma doença cardiovascular.

“Memórias, Sonhos, Reflexões” foi publicado originalmente em 1962, pela *Exlibris*, na Alemanha e, no ano seguinte, pela *Randon House*, em uma versão em inglês, em que é feita a tradução da edição brasileira. O desejo de publicação do texto

⁷ De forma sucinta, a libido para Jung seria a motivação humana despertada para além do sexual, podendo estar relacionada também à religião, ao entusiasmo com os estudos, etc. Em “Símbolos da Transformação da Libido” (uma parte publicada em 1911 e outra em 1912), o primeiro texto em que trabalhou este conceito, nomeou a libido de “Energia Psíquica”, esta que compõe um recurso mobilizador da psique, fundamental para suas hipóteses acerca do funcionamento da mente humana. Em geral, o suíço propôs uma ampliação do conceito, o que não agradou S. Freud, que postulava sobre o caráter restritamente sexual da libido. Nas palavras de Jung trata-se de “[...] um desejo ou um impulso que não é refreado por qualquer instância moral ou outra. A libido é um *appetitus* em seu estado natural. Filogeneticamente são as necessidades físicas como fome, sede, sono, sexualidade, e os estados emocionais, os afetos, que constituem a natureza da libido” (JUNG, 2013, p. 165).

autobiográfico surgiu em 1956, com o editor Kurt Wolff (1887-1963)⁸. Inicialmente, o editor pensou em uma biografia, mas como ainda podiam contar com o relato do próprio Jung, concordaram que ele mesmo deveria falar. A tarefa foi incumbida a Aniela Jaffé, que reconhecia a dificuldade que teria, pois conhecia a aversão de Jung quanto à exposição de sua imagem. Segundo o relato de Jaffé, Jung concedeu-lhe – em 1957 – uma tarde por semana para realizar o trabalho autobiográfico. Ela destacou a resistência do suíço no começo, momento em que utilizou como estratégia uma formulação de perguntas e respostas; com a instigação de suas memórias, ao final do ano citado, o trabalho progrediu, de forma que ele mesmo escrevera sobre suas memórias infantis (JAFFÉ, 2016, p. 17-18).

Quem denomina “Memórias, Sonhos, Reflexões” de autobiografia? Por certo para o editor Wolff e Jaffé o eram, pois assim foi designada a execução do projeto. Com conhecimento das entrevistas feitas por Jaffé e considerando que ela era quem manuseava e organizava os escritos, passou não somente pelo crivo de Jung o que ele gostaria de falar, mas também pelas escolhas de Jaffé, sobre o que ela iria destacar. O texto pode ser biográfico e autobiográfico? O que delineiam estes limites? Jung se enquadra no modelo confessional de relação de si para consigo, como Rousseau atualiza em suas “Confissões” (2018). Rago explica suas características: “a autobiografia confessional, portanto, visa a purificação do próprio eu, à eliminação dos obstáculos que impedem a transparência do eu para consigo mesmo, recuperando uma identidade originária que se considera perdida” (RAGO, 2018, p. 218).

A considerar uma dinâmica de perguntas e respostas, o “empreendimento de Aniela Jaffé”, nas palavras de Jung (JAFFÉ, 2016, p. 20), poderia se aproximar das “Confissões” de Rousseau porque, neste texto, o filósofo realizou uma retomada do que moldou sua personalidade e suas ideias, relatou suas experiências mundanas e sentimentos pessoais, tal e qual se encontrou em “Memórias, Sonhos, Reflexões” de Jung.

Quais narrativas perpassam a construção autobiográfica de Jung, a considerar as “peças separadas” que são arranjadas pelo médico suíço e pela colaboradora Jaffé? É incontestável que uma vida ao ser narrada, perpassa por diversos outros sujeitos que, ou participaram (se relacionaram de alguma forma com o biografado), ou traçaram planos da construção do material biográfico, ou ainda, participaram da edição e dos tantos

⁸ Foi editor, escritor e jornalista alemão. Fundou a famosa Pantheon Books em Nova Iorque, em 1942.

outros processos que um livro passa ao ser consumido (CHARTIER, 2002). Na contramão da ideia de uma identidade pessoal unitária, o texto autobiográfico é composto de diversos olhares que buscam estabelecer coerência sob uma mesma luz. (OLIVEIRA, 2018, p. 60). Desta forma, a autobiografia de Jung possui diversidade de autores e receptores que buscam purificação da narrativa ou um ponto que fechará de modo especial a vida e obra do médico, conforme ele desejou. Consideramos “Memórias, Sonhos, Reflexões” como uma autobiografia, mesmo que composta em condições específicas (em colaboração com Jaffé), com o argumento que qualquer escrito é composto de colaborações que ultrapassam uma composição unitária. Isso evidencia a dificuldade em individuar a autoria de um autor sobre um escrito, na linha tênue que comporta as irresoluções sobre quem é o autor.

A organizadora insistiu em mostrar satisfação com a escrita do texto por Jung, um encerramento sublime da “[...] história de um inconsciente que se realizou” (JUNG, 2016, p. 25). A narrativa em torno da vida de Jung culmina em um único ponto, afeito pelo destino. Portanto, a escrita desse texto autobiográfico, seria, pois, uma de suas últimas missões: “algum tempo depois dessa sua resolução, anotei as seguintes palavras de Jung: “escrever um livro é sempre para mim uma confrontação com o destino. [...] É por necessidade que escrevo minhas lembranças e um só dia de abstenção já me causa mal-estar físico [...]” (JAFFÉ, 2016, p. 18).

Destaquemos, pois, a questão de confrontação com o destino, apresentada no trecho. Nele recorda-se o reencontro com o fio condutor de toda sua obra, com a “lembrança” do Jung intelectual, escritor, professor e médico. A atividade da escrita, aliada ao ato de trazer a memória afetiva dos tempos passados, ativa, segundo sua própria compreensão teórica arquetípica, a imagem do escritor que realiza a técnica⁹, mas também rememora tempos longínquos, suas sensibilidades adolescentes, suas outras “personas”¹⁰.

“Quanto mais o livro avançava, mais solidamente seu trabalho e o meu se fundiam” (JAFFÉ, 2016, p. 19). Na forma como Jaffé relatou a construção da autobiografia, há que se considerar que foi um compilado: escreveram, anexaram textos

⁹ Estamos utilizando a compreensão de Foucault, das “Técnicas de Si”; sucintamente, são esquemas que o sujeito encontra na cultura e que lhe são propostos, sugeridos ou impostos pela sociedade, grupo social, ou pelo próprio sujeito (FOUCAULT, 2004).

¹⁰ Segundo Jung, persona é uma parte da nossa personalidade desenvolvida e utilizada em nossas interações, nossa face externa consciente, nossa máscara social. Em contraste com a alma, a persona é a face demonstrada, por exemplo, se a pessoa se mostrar intelectual, sua alma é absolutamente sentimental (exemplo contido na explicação alma *versus* persona em “Tipos Psicológicos” de 1921) (JUNG, 1976, p. 48).

nunca antes publicados, fizeram anotações e recortes, todas alterações acompanhadas pelo suíço, o que mantém a ideia autobiográfica, já que ele participou ativamente desse escrito sobre ele mesmo. Foi de punho de Jung o escrito sobre infância até a conclusão de seus estudos em medicina, em 1900, que são os três primeiros capítulos do texto¹¹; em capítulos já redigidos, Jung lia e revisava. Aniela Jaffé e Jung utilizaram textos já escritos e que não haviam sido publicados, como o tópico sobre os índios *pueblos*¹² que estava em um manuscrito de 1926 (JAFFÉ, 2016, p. 18-19). A organizadora também transcreveu uma carta de Jung trocada com um amigo, da qual selecionamos um trecho:

Ultimamente fui solicitado diversas vezes para escrever uma espécie de autobiografia, mas não podia conceber tal ideia. Conheço demais as autobiografias, as ilusões dos autores sobre si mesmos e suas mentiras oportunas, conheço demais a impossibilidade de uma autoapreciação para me arriscar neste terreno. Há pouco me pediram algumas informações autobiográficas e descobri, nesta ocasião, que no material liberado pelas minhas lembranças há certos problemas objetivos que merecem bem um exame mais detido. Refleti, então, sobre esta possibilidade para chegar à conclusão de que seria necessário me afastar de outras obrigações a fim de tentar pelo menos submeter a um exame objetivo o início de minha vida. [...] O destino quer – como sempre quis – que na minha vida todo o exterior seja acidental e que só o interior represente algo de substancial e determinante [...] (JUNG apud JAFFÉ, 2016, p. 19).

Podemos perceber, por meio da carta, o tom crítico à biografia, mas também a consciência de que seria a possibilidade final de acertar as más interpretações sobre tudo o que construiu em sua vida, chegando a se afastar de outras obrigações, a fim de polir suas “imagens autobiográficas”. Ele precisava cumprir o destino que seria a imagem ideal do homem do século XX, com o inconsciente realizado do homem global, capaz de discutir uma ampla diversidade de temas. Esse livro autobiográfico, segundo o desejo de Jung, não compôs parte de sua obra completa, pois ele não o considerava uma obra científica, a demonstrar novamente, a preocupação com sua imagem; não considerava que o trabalho era seu, mas um “empreendimento de Aniela Jaffé”¹³ (JAFFÉ, 2016, p. 20).

O aceite por produzir o texto autobiográfico, colaborando com o projeto de Kurt Wolff e de Aniela Jaffé, fez parte de uma tendência de Jung de reelaborar os acontecimentos de sua trajetória, onde pudesse – ainda em vida –, estabelecer limites sobre o que seria contado acerca de sua vida e obra. Citamos como exemplo desse

¹¹ Diz respeito aos capítulos intitulados “Infância”, “Anos de Colégio” e “Anos de Estudo”.

¹² Esse tópico está inserido no capítulo intitulado “Viagens”.

¹³ Apesar do amplo debate acerca da organização e escrita da autobiografia, iremos convencionalmente nos referir a Jung como escritor principal do texto.

movimento, a concordância em participar de um projeto de Richard Evans¹⁴, que propôs gravar Jung respondendo uma série de perguntas sobre suas teorias e compreensões de mundo, no mesmo período em que aceitou realizar a escrita da autobiografia, no ano de 1957.

O historiador americano da medicina, Richard Noll (1994), apontou a escrita de três textos da autobiografia feitos por Jung, ao passo que Jaffé – apesar de afirmar que o suíço contribuiu com todos os escritos –, deixou de mencionar a seção final intitulada “Últimos Pensamentos”, por sua vez reconhecida por Noll, que se tratava das especulações de Jung sobre Deus, a vida e o amor. Noll afirma:

Embora correspondam a um terço das MDR¹⁵ essas partes foram adulteradas por Aniela Jaffé e outros. Um capítulo que pode ou não ter sido escrito diretamente por Jung e que dizia respeito a Toni Wolff, sua amante por quarenta anos, foi removido no início do processo de organização do texto, em consequência de objeções de familiares de Jung nos últimos anos de sua vida, quando já estava semi-invalído. O livro é, portanto, obra de seus discípulos (NOLL, 1994, p. 15).

É perceptível o olhar crítico de Noll em relação à construção do texto autobiográfico. Quanto às afirmações sobre o capítulo que tratou de Toni Wolff (1888-1956)¹⁶, não podemos afirmar que tal questão editorial tenha ocorrido, já que Noll não citou as fontes de sua informação, mas podemos observar a documentação e tentar perpassar os meandros dessa questão sensível da trajetória do suíço. Afirmar que a obra é de seus discípulos ou que o texto, de fato, foi adulterado não se comprova; podemos somente levantar questionamentos sobre possibilidades que a fonte demonstra. Ao cruzarmos as datas de escrita da “Introdução” de Aniela Jaffé, em dezembro de 1961, com o dia de falecimento do suíço, em 6 de junho de 1961, observamos uma discrepância temporal – 6 meses, o que pode nos fazer repensar sobre a alegação de Jaffé de que todos os textos passaram pelo crivo de Jung. Por certo, houve ao menos a possibilidade de releitura pela organizadora ou por alguém do meio editorial após o falecimento de Jung.

¹⁴ No momento em que realizou a entrevista com Jung, em 1957, Evans participava do Departamento de Psicologia da Universidade de Houston. Através de filmagens, apresentou nomes importantes da Psicologia Contemporânea, utilizando-se de filme e entrevista. A publicação do trabalho que Evans realizou junto à Jung foi intitulada “Entrevistas com Jung e as Reações de Ernst Jones”, publicada no Brasil pela Livraria Eldorado Tijuca, no Rio de Janeiro em 1964.

¹⁵ *Memories, Dreams, Reflections*.

¹⁶ Analista junguiana e colaboradora próxima de Carl Jung, ajudou-o a constituir alguns de seus principais conceitos, como Anima, Animus e Persona. Existiu um relacionamento íntimo entre eles, demonstrado por documentações epistolares; inicialmente suscitou desconfortos no casamento do suíço, mas, depois, um entendimento foi alcançado.

O texto autobiográfico é dividido em quinze capítulos e, embora essa divisão seja cronológica, Jung retoma os conteúdos, o que torna o texto fluido e cheio de conexões. No “Prólogo”, ele inicia o leitor, apresenta o universo sobre o qual será convidado a conhecer, versando sobre temas a serem tocados ao longo da obra. Jung ressaltou especialmente as questões interiores e o universo espiritual que foram explanados em uma profusão de pensamentos religiosos, os quais considerava essencialmente biográficos. No capítulo “Infância”, apresenta ao leitor experiências sensoriais, conectando suas primeiras lembranças significativas a pontos que, posteriormente, fizeram sentido em sua obra. Os “Anos de Colégio” foram divididos, na autobiografia, em quatro partes, de forma a apresentar, na primeira, suas experiências adolescentes; na segunda, um Jung jovem; na terceira e quarta, o amadurecimento desse jovem, até o início dos estudos médicos em 1895, aos 20 anos.

Nos “Anos de Estudo”, lemos sobre a escolha do curso de Medicina como carreira profissional, bem como sobre seu encontro com o campo da Psiquiatria; na “Atividade Psiquiátrica”, observamos sua trajetória no campo psiquiátrico como estagiário, médico, professor e alguns relatos sobre casos de seus pacientes. O capítulo intitulado “Sigmund Freud” tratou do contato com o vienense e seus pontos de discordância, os quais culminaram no rompimento da relação. No capítulo seguinte, intitulado “Confronto com o Inconsciente”, atingiu o ápice de esplendor da vida intrapsíquica, constituindo a matéria-prima para obra de toda a vida.

Em “Gênese da Obra”, fez comentários sobre seus trabalhos acadêmicos, trazendo seu aspecto subjetivo, revelando sobre o momento de produção, sobre a repercussão, sobre o caminho que fez para consolidação de alguns dos trabalhos que estavam mais ligados aos seus anseios interiores, além de apresentar seu interesse pela alquimia¹⁷ e gnosticismo¹⁸. No capítulo “A Torre”, Jung relatou como transpôs seus pensamentos e sonhos em terra firme nesse local chamado de torre de Bollingen, no

¹⁷ A química da Idade Média buscava encontrar o remédio contra todos os males físicos e morais. A atenção de Jung era voltada, principalmente, para o que ele chamava de alquimia filosófica, isto é, os escritos de alquimistas que tinham os procedimentos químicos planejados e reconhecidos como tratados de verdades espirituais e filosóficas. Ele percebeu, no imaginário alquímico, uma fonte e um meio para expressar muitos de seus próprios *insights* psicológicos; além disso, a alquimia, com sua linguagem simbólica, carregava o peso cultural da mente inconsciente ocidental, permitindo que ele estabelecesse uma ligação com uma fonte pura do inconsciente coletivo, fora dos domínios do pensamento cristão ortodoxo.

¹⁸ O gnosticismo diz respeito à um movimento religioso, de caráter esotérico e sincrético, que foi desenvolvido nos primeiros séculos de nossa era, à margem do cristianismo. Jung lançou-se ao estudo dos gnósticos, de 1918 a 1926, e o interesse ocorreu por ele compreender que eles encontraram “o mundo original do inconsciente”, com imagens que estavam contaminadas pelo mundo dos instintos.

qual passou muitos momentos do fim de sua vida. No próximo, denominado “Viagens”, o suíço relatou algumas de suas experiências em outros países, trazendo a sensibilidade de momentos que o marcaram na África do Norte, em Quênia e Uganda, Índia, Ravena, bem como na convivência com os índios *pueblos*.

“Visões”, por sua vez, trata, sobretudo, das dificuldades de saúde que Jung teve no início de 1944 e das possibilidades de visualização com sua experiência de quase morte por enfarte cardíaco; em razão de experiências oníricas, teve oportunidade de perceber a vida com uma aguda sensibilidade. Seus pensamentos sobre “A Vida Depois da Morte” constituem um dos fundamentos de sua obra, tratando-se de atitudes renovadas por entender o “aquém” e o “além” (JUNG, 2016, p. 297). Os seus “Últimos Pensamentos”, dividido em três partes, trata, sobretudo, de “esclarecimentos indispensáveis” que estabelecem “um modo de ser, tão necessário para mim quanto beber ou comer” (JUNG, 2016a, p. 323). Em penúltimo lugar temos a “Retrospectiva” e, no fim, o “Apêndice”. A primeira retoma suas considerações – colocadas anteriormente na fonte desta pesquisa – sobre solidão, sobre a importância de ter um segredo incognoscível, além de se sentir agraciado pela vida frutífera que desfrutou; o último, por sua vez, tem alguns trechos de cartas de Jung trocadas com sua mulher, de cartas de Freud enviadas a Jung, de Jung a um jovem erudito, a um colega, a Théodore Flournoy (1854-1920), a Richard Wilhelm (1873-1930) e a Heinrich Zimmer (1890-1943). Há também comentários sobre o “Livro Vermelho” e sobre os “*Septem Sermones ad Mortuos*” e sua transcrição, além de dados sobre a família de C. G. Jung, de autoria de Aniela Jaffé, e também um glossário que traz explicações contributivas a um leitor iniciante na obra do suíço.

Com essa breve explanação por todos os capítulos, contendo comentários curtos sobre o que trata cada um deles, temos em vista apresentar ao leitor a construção textual e o que os organizadores decidiram priorizar. É notável, por exemplo, que Jung não explorou a relação com a família que formou após seu casamento com Emma Rauschenbach Jung (1882-1955) e os filhos que teve com ela. O caminho autobiográfico trilhado por ele, Jaffé e pelos editores, estava relacionado com sua trajetória profissional e os aspectos que foram determinantes para a formação do intelectual Jung, assim, a dimensão familiar foi somente o que ele vivenciou junto aos seus pais e as experiências que teve em sua própria infância e adolescência.

Ele assinalou que, em “Memórias, Sonhos, Reflexões”, as “experiências interiores” (JUNG, 2016, p. 26) foram prioridade, isto é, coisas particulares sobre sua

própria visão de mundo, quais sejam: “[...] entre eles figuram meus sonhos e fantasias, que constituíram a matéria original de meu trabalho científico. [...]” (JUNG, 2016, p. 26). E, para dizer sobre o que se trataria, utilizou um certo tipo de linguagem que carrega uma ideia de validação, acatamento e profundidade para o leitor, observemos: “em última análise, só me parecem dignos de ser narrados os acontecimentos da minha vida através dos quais o mundo eterno irrompeu no mundo efêmero” (JUNG, 2016, p. 26). Destacamos, ainda, que dentro desta escolha por questões interiores está inclusa sua experiência religiosa que é abordada ao longo do escrito, que pode ser identificada também com o termo “mundo eterno” da citação.

Aprofundemos ainda, a ideia dele de ocupar-se das “coisas interiores” na autobiografia, observando a linguagem do suíço que aponta para sua preferência para as coisas interiores, do mesmo modo que observamos acima:

Diante dos acontecimentos interiores, as outras lembranças empalidecem: viagens, relações humanas, ambiente. [...] A lembrança dos fatos exteriores de minha vida, em sua maior parte, esfumou-se em meu espírito ou então desapareceu. Mas os encontros com a outra realidade, o embate com o inconsciente, se impregnaram de uma maneira indelével em minha memória. Nessa região sempre houve abundância e riqueza (JUNG, 2016, p. 26).

Pierre Bourdieu (2006) alertou-nos sobre “a ilusão biográfica”, acenando para perigos da constituição da vida como um todo, um conjunto coerente e orientado, tal qual pode aparecer no texto biográfico, encaminhando-se a uma obviedade dos fatos ocorridos na trajetória, objetiva e subjetivamente, como fica exemplificado no uso de advérbios de tempo: “já”, “desde pequeno”, “sempre”, entre outros. É conveniente tanto para o sujeito que escreve quanto para o sujeito que é objeto da biografia/autobiografia tais sequências ordenadas, segundo relações inteligíveis, para que haja sentido da existência narrada (BOURDIEU, 2006, p. 184), o que ocorre em “Memórias, Sonhos, Reflexões”: “eu logo quis ver o cadáver. Minha mãe me deteve e proibiu-me terminantemente de ir ao jardim [...] Esse fato interessou-me extraordinariamente. Nessa época eu ainda não tinha completado quatro anos” (JUNG, 2016, p. 30). Com base na citação, notamos a intenção em demonstrar o interesse de Jung por acontecimentos misteriosos desde muito cedo, perpassando toda a vida, até confluir em investigações científicas.

No texto autobiográfico temos uma narrativa que culmina para um ponto específico; identificamos em alguns momentos os advérbios de tempo apontados por

Bourdieu, de forma que todas ocorrências da vida de Jung contribuíssem para que chegasse ao ponto culminante de sua compreensão psicológica:

A diferença entre a maioria dos homens e eu reside no fato de que em mim as “paredes divisórias” são transparentes. É uma particularidade minha. Nos outros, elas são muitas vezes tão espessas, que lhes impedem a visão; eles pensam, por isso, não há nada do outro lado. Sou capaz de perceber, até certo ponto, os processos que se desenvolvem no segundo plano; isso me dá segurança interior. Quem nada vê não tem segurança, não pode tirar conclusão alguma, ou não confia em suas conclusões. Ignoro o que determinou a minha faculdade de perceber o fluxo da vida. Talvez tenha sido o próprio inconsciente, talvez os meus sonhos precoces, que desde o início marcaram meu caminho (JUNG, 2016, p. 349).

A excentricidade do analisando é notável no trecho citado, no qual ressaltou sua singularidade em detrimento da “maioria dos homens”. A valorização de suas conclusões e de seus postulados teóricos, é legitimada por uma construção narrativa composta de sonhos e visões precoces, que permite tal visualização, com um final orientado. Quanto ao uso dos advérbios de tempo, como discute Bourdieu, destacamos a parte final da citação “desde o início marcaram meu caminho” (JUNG, 2016, p. 349), que reforça aquilo que ele critica quanto a obviedade dos acontecimentos nas trajetórias.

Os acontecimentos foram explanados a fim de chegar, através do processo de “Individuação”¹⁹, à realização da completude psíquica, em consciência e inconsciência. O que nos é apresentado é o seu próprio percurso de “Individuação” para um dado ponto, o ponto central, a “mandala”²⁰: “só pouco a pouco compreendi o que significa propriamente a mandala: “Formação – Transformação, eis a atividade eterna do eterno sentido”. A mandala exprime o si mesmo, a totalidade da personalidade que, se tudo está bem, é harmoniosa, mas que não permite o autoengano” (JUNG, 2016, p. 200).

¹⁹ É um processo ou um percurso de desenvolvimento produzido pelo embate de duas realidades anímicas fundamentais. Quando há um relacionamento contínuo entre consciente e inconsciente, por exemplo, a pessoa está atingindo seu “processo de individuação”, tornando-se capaz de viver de modo criativo, simbólico e individual (JUNG, 2000, p. 281).

²⁰ Universalmente conhecida como símbolo da integração e da harmonia, seria a realização do arquétipo de “si mesmo”, expressão de totalidade psíquica. Em “O Homem e seus Símbolos”, publicado em 1964, Aniela Jaffé, em sua contribuição, citou M. L. von Franz e sua explicação sobre o círculo; segundo ela, o círculo expressa a totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluindo o relacionamento do homem e da natureza. “Não importa se o símbolo do círculo está presente na adoração primitiva do Sol ou na religião moderna, em mitos ou em sonhos, nas mandalas desenhadas pelos monges do Tibete [...] ele indica sempre o mais importante aspecto da vida – sua extrema e integral totalização”. Jung valorizava os elementos integradores da totalidade psíquica e a mandala foi considerada potente para compreensão integral dos sujeitos. Em relação ao simbolismo psicológico, expressa a união dos opostos, a união do consciente e do inconsciente.

Aniela Jaffé contribuiu com a edição da autobiografia em concordância acerca do fim orientado, de um caminho percorrido com um fim acertado, dialogando com o que Jung explanou, inscrito na citação seguinte:

Vários caminhos conduziram-no ao confronto com problemas religiosos: suas próprias experiências, que já o haviam colocado, criança, numa realidade das visões religiosas, e que o acompanharam até o fim de sua vida; uma fome insaciável de conhecimento, que se apossava de tudo o que dissesse respeito à alma, seus conteúdos e manifestações [...] (JAFFÉ, 2016, p. 21).

Com base no trecho, confirmamos tal antecipação das visões religiosas e misteriosas, o que, desta forma, concatena-se à concepção de Bourdieu da formação de elementos que surgem em uma organização lógica, com um ponto alto de destaque.

Foucault (2004) nos últimos anos de sua vida dedicou-se aos estudos que intitulou época de ouro de “cuidado de si”, na qual privilegiou o olhar para o retorno do si mesmo, analisando a conduta da trajetória pessoal e a relação desta com os outros. Explicou a subjetividade através dos *hupomnêmata* e das correspondências: o primeiro diz respeito aos cadernos onde sujeitos faziam anotações sobre si, com frases ou ideias para ponderar em outro momento. As correspondências diziam respeito ao que conhecemos hoje como cartas ou anotações enviadas à outra pessoa, também com traços sobre si. Apesar de esse texto de Foucault possuir tema e um contexto de análise específico, tratando da estética da existência e do domínio de si e dos outros nos dois primeiros séculos do Império na cultura greco-romana, aborda tal recriação do si mesmo, esse retomar das atividades passadas, que acontece em “Memória, Sonhos, Reflexões” (FOUCAULT, 2004, p. 144-162).

Ao recriar si mesmo e retomar suas antigas lembranças sobre sua existência, Jung fez um exercício de memória ligada a sensações. Um exemplo disso é quando narrou a lembrança mais remota de sua vida, ele se encontrava deitado em um carrinho à sombra de uma árvore. Ele escreveu que havia muita luz e que ele sentiu calor, logo, Jung velho concluiu que era verão. Mas, essas duas coisas se misturam na narrativa: “é um belo dia de verão, quente, céu azul. A luz dourada do sol brinca através da folhagem verde. [...] Acabo de acordar nessa radiante beleza e sinto um bem-estar indescritível.” (JUNG, 2016, p. 29). A palavra “brinca” a que se remete à luz do sol, traz um tom infantil, que se entrelaça com a lembrança. As considerações sobre a brincadeira da folhagem verde, como também a compreensão do que seria “bem estar” para uma criança colocada em um carrinho não é compatível com seu tempo de vida, mas é

interessante notar como as narrativas se interlaçam e falam de diferentes temporalidades.

A “técnica de si”, segundo Foucault, atua como operações que permitem aos indivíduos realizarem, sozinhos ou com a ajuda de alguém, ações que façam referência ao seu corpo, a sua alma, ao seu modo de ser, aos seus comportamentos e pensamentos, a fim de atender a uma demanda de bem-estar, sabedoria, perfeição ou imortalidade. Foucault estudou as técnicas de si na prática pagã e depois cristã dos primeiros tempos, apontando para a realização de atividades operacionais que ajudam o indivíduo a organizar e refletir sobre si mesmo, sobre suas ações, com a finalidade de se aprimorarem a partir de mudanças que beneficiem o desenvolvimento de sua própria trajetória (FOUCAULT, 1988, p. 16-49). Através da “escrita de si”, o sujeito se reinventa. Ele não está se descrevendo, mas criando a si mesmo. No momento que Jung escreveu o texto autobiográfico, retomou sentimentos, sensações, vivências, experiências e atribuiu significação a elas, tal atitude também pode ser compreendida como uma “técnica de si”.

Dentre tais retomadas e a importância da prática de “técnica de si”, isto é – neste caso –, a prática da escrita autobiográfica, identificamos partes escritas como forma de organização de certos traumas. Um exemplo disso pode ser dado ao pensarmos sobre a narrativa de bons modos que ele deveria manter, segundo seus pais, ao sair de casa. Entre algumas experiências desagradáveis, quando Jung aceitava um convite ou saía para fazer visitas, sua mãe gritava da janela: “não se esqueça de transmitir as recomendações do papai e da mamãe e de assoar o nariz! Você levou o lenço? Suas mãos estão limpas?” (JUNG, 2016, p. 46), de modo a deixá-lo extremamente envergonhado, uma vez que, por vaidade, cuidava de sua aparência nessas ocasiões que julgava importantes. No entanto, o temor pelo que iria transparecer com sua aparência ecoava quando estava na casa de quem o havia convidado: mMinhas mãos e meus sapatos estão sujos. Esqueci de trazer o lenço. Meu pescoço está encardido... [...] Então, por teima, não transmitia as recomendações enviadas ou, sem qualquer motivo, ficava tímido e amuado” (JUNG, 2016, p. 47). Frases específicas ditas por sua mãe e o temor de parecer desagradável trouxeram esse tipo de lembrança traumática, que, através do exercício da escrita, externaliza tal assunto íntimo e, neste movimento, organiza, de um modo pouco profundo.

Por nove anos Jung foi filho único de Paul Achilles Jung e Emilie Preiswerk, até o nascimento de sua irmã, Johanna Gertrude Jung (1884-1935). A memória infantil de

Jung sobre o nascimento da irmã revelou aspectos de sua própria subjetividade e de sua infância:

Agitado e contente, meu pai disse-me: “Esta noite você ganhou uma irmãzinha.” Fiquei surpreso, pois nada notara antes. [...] Meu pai levou-me à sua cabeceira: ela mantinha nos braços um pequeno ser, extremamente decepcionante: a face era vermelha e enrugada como a de um velho, os olhos fechados, provavelmente cegos, assemelhavam-se aos dos cachorrinhos recém-nascidos. A “coisa” tinha na parte superior da cabeça mechas de cabelos longos, de um louro avermelhado, para os quais me chamaram atenção. “Aquilo” se transformaria num macaco? Eu estava chocado e não sabia o que pensar. Seriam assim todos os recém-nascidos? Murmuraram algo sobre cegonhas que traziam crianças... Mas como seria então quando se tratasse de uma ninhada de cães e gatos? Quantas vezes a cegonha deveria voar de um lado para o outro até que a ninhada ficasse completa? [...] A súbita aparição de minha irmã trouxe-me um vago sentimento de desconfiança, que aguçou a minha curiosidade e a minha observação (JUNG, 2016, p. 46).

Diversas coisas o tocavam misteriosamente, como o caso do “aparecimento” de sua irmã. Certamente, foi impactante perceber que não teria mais integral atenção dos pais, apesar de que eles pareciam alheios às suas experiências, crescimento e amadurecimento infantil, e incentivavam, talvez sem intencionalidade, o sentimento de inferioridade que ele explanou em suas experiências de criança e adolescente, na autobiografia. É curioso como narrou o nascimento da irmã, de um modo que chega a ser cômico, igualando a uma face enrugada de um velho ou se perguntando se “aquilo” se transformaria em um macaco. Aproveita, ainda, para refletir sobre como seriam todos os recém nascidos e os mitos sobre eles, como a cegonha, coisas que Jung criança poderia considerar verdade no momento em que sua irmã nasceu. Um dilema infantil, mas, acontecimento marcadamente importante para o adulto Jung, pois foi o primeiro momento que começou dividir o afeto de seus pais com um outro, com aquele ser “decepcionante”, como se encontra na citação, isto é, ocorreu o início da separação e consequente diferenciação nos pressupostos do menino Jung, com o de sua família.

Observemos em um momento mais maduro de sua trajetória, por volta de 1900, quando optou seguir pela carreira da psiquiatria, os elementos que compõem a “certeza” de que não seria outro caminho, senão esse para seguir:

Algumas linhas adiante, o autor denominava as psicoses “doenças da personalidade”. De repente, meu coração pôs-se a bater com violência. Precisei levantar-me para tomar fôlego. Uma emoção intensa tinha se apoderado de mim: num relance, como que através de uma iluminação, compreendi que não poderia ter outra meta a não ser a psiquiatria. Somente nela poderiam confluír os dois rios do meu interesse, cavando seu leito num único percurso. Lá estava o campo comum da experiência dos dados biológicos e dos dados espirituais,

que até então eu buscara inutilmente. Tratava-se, enfim, do lugar em que o encontro da natureza e do espírito se torna realidade (JUNG, 2016, p. 122).

As escolhas da trajetória de Jung – de acordo com a narrativa autobiográfica – estavam envoltas a uma atração, a algo que ele não conseguiria fugir, mesmo se tentasse. Isso ocorreu ao falar da escolha da psiquiatria, da forma que ele foi arrebatado, com palpitação e utilizando-se de recursos linguísticos como “dois rios [...] cavando seu leito num único percurso”, ao tratar dos dois interesses que ele tinha, do biológico e do espiritual que se uniam nesse campo, sendo este mais um exemplo de como desencadeou-se o “mito” de sua vida (JUNG, 2016, p. 25).

A solidão é um tema frequentemente revisitado na autobiografia. Seja uma solidão em assuntos intelectuais, onde Jung demorou até que achasse seus pares, ou seja pela solidão por ele buscada, como foi o caso da construção da Torre de Bollingen, que teve a solidão como uma finalidade. Entendemos que ele utiliza o recurso da solidão também como performance, pois, ela faria parte do arquétipo reflexivo, sozinho e velho e deste grande projeto de “[...] uma história de um inconsciente que se realizou [...]” (JUNG, 2016, p. 25). Quando conheceu Freud, se sentiu menos sozinho no mundo intelectual, mas após o rompimento, em 1913, estava de volta a solidão. Por muitos anos, ocupou-se de textos gnósticos e alquímicos e, em 1928, recebeu de Richard Wilhelm (1873-1930) “O Segredo da Flor de Ouro”, edição moderna de um manuscrito medieval da China sobre alquimia e ioga, na ocasião o estudioso solicitou que Jung escrevesse um comentário psicológico. O momento em que leu o manuscrito e identificou alguns de seus pensamentos foi de êxtase incalculável, pois encontrou um equivalente histórico de sua Psicologia do Inconsciente e isso encheu-o de satisfação e ofereceu-lhe um tipo de confirmação acerca de suas buscas, o que rompeu com sua solidão intelectual, esse episódio foi narrado com notável júbilo na autobiografia.

A compreensão da singularidade de seus pensamentos e teorias foi insistida por ele mesmo e, posteriormente, por seus discípulos. Jung tinha a preocupação de explicar e exemplificar seus pensamentos para um grupo especializado, mas também para leigos, como podemos perceber com sua preocupação em responder correspondências. No capítulo final de “Memórias, Sonhos, Reflexões”, falou em “esclarecimentos indispensáveis” (JUNG, 2016, p. 323). Ele deixou a possibilidade de continuidade de sua obra para seus discípulos próximos, como Aniela Jaffé, M. L. von Franz e Bárbara Hannah:

Penso também numa outra possibilidade: através de um ato individual poderá surgir uma questão no mundo, cuja resposta irá constituir uma nova exigência. Por exemplo: as questões que levanto e as respostas que procuro dar a elas podem não ser satisfatórias. Nestas condições, alguém que tenha o meu carma – talvez eu mesmo – deverá então renascer para fornecer uma resposta mais completa. Por este motivo, poderei imaginar que não retornarei a nascer enquanto o mundo não sentir necessidade de uma nova resposta e, enquanto isso, terei alguns séculos de repouso, até que haja de novo a necessidade de que alguém se interesse por esse gênero de coisas [...] Sinto que agora pode ocorrer um período de calma, até que a obra realizada seja assimilada (JUNG, 2016, p. 315).

O “carma” de Jung seria dar uma resposta às perguntas que ele mesmo fez. O “talvez eu mesmo”, reitera que o ponto final deveria ser colocado e que toda a trajetória dele faria sentido após a resolução dos problemas. Reitera ainda que, se for ele, precisará renascer. A nossa leitura desse renascimento – ocorrido, porque ele mesmo pontuou suas questões – é que ele aconteceu através das “técnicas de si”, isto é, através de ações que o fizeram mergulhar em seu próprio ser, em seu si mesmo, em sua própria subjetividade.

A “escrita de si”, de Foucault, oferece a possibilidade de pensarmos esse escrito autobiográfico como em um exercício subjetivo, com oportunidade de o Jung velho viver novamente suas memórias e ressignificá-las. Aí vemos a intersecção entre passado e futuro, pensamentos que não cabem a uma criança ou que não cabem a um velho de 82 anos, demonstrando as diversas facetas da subjetividade que o texto autobiográfico nos permite refletir.

Destacamos um trecho final de sua “Retrospectiva”, momento em que o Jung velho fez um balanço de sua trajetória destacando a confluência para um único fim, para um destino:

Sinto-me contente de que minha vida tenha sido aquilo que foi: rica e frutífera. Como poderia esperar mais? Ocorreram muitas coisas, impossíveis de serem canceladas. Algumas poderiam ter sido diferentes, se eu mesmo tivesse sido diferente. Assim, pois, as coisas foram o que tinham de ser; pois forma o que foram porque eu sou como sou. [...] Lamento muitas tolices, resultantes de minha teimosia, mas se não fossem elas não teria chegado à minha meta. Assim, pois, eu me sinto ao mesmo tempo satisfeito e decepcionado. Decepcionado com os homens, e comigo mesmo. Em contato com os homens vivi ocasiões maravilhosas e trabalhei mais do que eu mesmo esperava de mim. Desisto de chegar a um julgamento definitivo, pois o fenômeno da vida e o fenômeno homem são demasiadamente grandes. À medida em que envelhecia, menos me compreendia e me reconhecia, e menos sabia sobre mim mesmo (JUNG, 2016, p. 352).

Jung fez neste trecho uma espécie de despedida, saudando as coisas edificantes e as que poderiam ter sido deixadas de lado e não foram, pois elas também faziam parte

deste fim, que necessitava ter acontecido como aconteceu. Assim, aspectos de sua personalidade, como por exemplo a tolice ou a teimosia, compunham o sujeito Jung, que utilizou da escrita de si, para saudar o que passou e desistiu de julgar o que poderia ou não poderia ter sido, pois no final a aceitação de um fim acertado fez que sua vida e obra fizesse sentido harmônico conforme ele buscou realizar.

Dentre os resultados obtidos destacamos a potencialidade das documentações biográficas para a historiografia, visto o amplo espectro de possibilidades de investigação. Dosse apontou que existia um muro separando o biográfico do histórico por receio que tal aproximação perturbasse os objetivos científicos da História (DOSSE, 2015, p. 16), entretanto, os benefícios da utilização desta documentação são inumeráveis.

O nosso objetivo foi ressaltar o fim acertado investido por Jung na autobiografia e potencializado por seus partidários, bem como o benefício que o exercício de subjetividade (a escrita do texto autobiográfico) proporcionou à Jung. Neste movimento, o atravessamento das subjetividades e as percepções singulares emergiram e evidenciaram a fertilidade do gênero autobiográfico para a história de uma construção subjetiva. Especificamente sobre o médico suíço, além de alcançar a comprovação sobre a expectativa de um fim acertado e a elucidação acerca do exercício subjetivo capaz de recriar, reavivar e reiterar uma trajetória, aprofundamos enigmas, expectativas, questionamentos, experiências e sentimentos do homem moderno do século XX.

Desta forma, compreendemos que a “Escrita de si”, neste exercício autobiográfico, contribuiu para uma ressignificação de diferentes elementos da vida de Jung, que percebendo o benefício de refazer os caminhos de sua memória, empenhou-se em traçá-la harmonicamente, todos os acontecimentos culminando para um único ponto, este que entendemos ser sinônimo da mandala com base na citação:

De 1918 a perto de 1920, tornou-se claro para mim que a meta do desenvolvimento psíquico é o Si Mesmo. A aproximação em direção a este último não é linear, mas circular, isto é, “circum-ambulatoria”. Uma evolução unívoca existe quando muito no princípio; depois, tudo não é mais que referência ao centro. Compreender isso deu-me firmeza e, progressivamente, restabeleceu-se a paz interior. Atingira, com a mandala – expressão do “si mesmo” – a descoberta última a que poderia chegar. Alguém poderia ir além, eu não (JUNG, 2016, p. 201).

Assim, a compreensão de mandala está diretamente relacionada com a característica da autobiografia, de tudo culminar a um único ponto. A questão da mandala reverbera o aspecto profissional, mas também o pessoal, porque foi através

dessa compreensão, que conseguiu submergir de volta de seu mergulho no inconsciente e ressignificar esse material em discussões teóricas que compõem a sua Psicologia Analítica. Desta forma, concluímos que a “escrita de si” de Jung, materializada por “Memórias, Sonhos, Reflexões”, está dentro de uma rede que compõe esta personalidade do vigésimo século, tratando-se apenas um dos recursos utilizados para moldar a composição do todo, da completude. A autobiografia foi capaz de reunir diversos acontecimentos que permitem ao leitor estabelecer idas e vindas na trajetória do médico suíço, por isso, é um documento privilegiado que nos ajuda enxergar o que o próprio Jung gostaria que ficasse para a posteridade acerca dos acontecimentos de sua vida, de suas fragilidades, amadurecimentos e conclusões. Confirmamos que Jung não somente reforça o que já havia postulado em vida, mas também recria, ressignifica momentos traumáticos, felizes ou tristes e o trazem para esse todo que compõe o seu ser, o seu “[...] eu sou como sou [...]” (JUNG, 2016, p. 352).

Referências

Fontes:

JAFFÉ, Aniela. Introdução. In: JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 17-24.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. *O livro vermelho: liber novus*. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. *Tipos Psicológicos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2015.

EVANS, Richard. I. *Entrevistas com Carl G. Jung e as reações de Ernst Jones*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1964.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. 5. p. 129-160.

NOLL, Richard. *O culto de Jung: origens de um movimento carismático*. São Paulo: Ática, 1994.

OLIVEIRA, Maria da Glória. Para além de uma ilusão: indivíduo, tempo e narrativa biográfica. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 59-72.

RAGO, Margareth. Autobiografia, gênero e escrita de si: nos bastidores da pesquisa. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 205-222.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *As confissões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.